ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DOS AMIGOS DO

FADO

NÚMERO ZERO

5 DE MARÇO DE 1995

Rui Forjaz

O TROTE DO VINTE-SETE

Abordaram-me recentemente para que eu ensaiasse a publicação de uma folhinha que tivesse empenho em divulgar as intenções da Associação Portuguesa dos Amigos do Fado. É evidente que me senti lisonjeado com tal distinção sabendo que entre os setenta sócios fundadores deste grémio quatro dúzias, pelo menos, apresentariam currículo mais aliciante e favorável aos propósitos.

NESTE NÚMERO

AMÁLIA, O HINO QUE NÃO ESQUECE
de Bernardino Nunes, pág 3

«AS ALPARGATAS DO IMPÉRIO»
de Luis de Castro, centrais

ESTÓRIAS PARA A HISTÓRIA
de Maria Amélia Proença, António Rocha e Rui Forjaz, págs 6 e 7

FADO CUF
de Vítor Duarte, pág 7

«FATUM DA GUITARRA PORTUGUESA»
de José Lúcio, pág 8

2

Rui Forjaz

O TROTE DOVINTE-SETE

Mas a sugestão de um «boletim» de sigla inerte desmotiva o pouco talento que reúno para o propósito e encurta-me o horizonte que eu desejava dilatado e, com a ajuda de todos poderia ser imenso. Vai daí aventurei uma opinião: - «dar identidade à crónica ligeirinha, assegurar um veículo independente e idóneo à notícia, atribuir responsabilidade de editor ao comentário polémico e à crítica exigente». Enfim, um nome simpático ao opúsculo em trabalhos de parto, um crisma ao recém-acontecido.

E ocorreram-me três ou quatro designações: - «Os Corvos», o «27», o «31» e o «Catrapus». «Catrapus...». - tiro e queda? Não, senhor. Esta era a alcunha de um amador do fado, um expontâneo que rompia onde menos se esperava e tinha que se fazer ouvir à força, insistindo em não desamparar a parelha mesmo quando a malta o apupava. Acontecia que ao segundo fado rasteirinho que o «boca-aberta» despejava para o recinto já a assistência, de conluio, o assobiava para se divertir com a sua reacção prazenteira. Na verdade, ele encaixava a surriada como aplauso, pedia mais um «corrido» ou o «puxavante» no seu «tom» aos contrariados acompanhantes e acrescentava para gáudio geral: - «Isto são eles a reinar. Não querem outra coisa... Vamos a isto! Catrapuz!... «E ficou-lhe a memória e a alcunha. Esta figura castiça, tão perdida pelas elegias e fados desgraçados, como o João FerroVelho que tão poucos citam, bem merecia uma legenda para a posteridade. Mas então!... Do «31» deduzia-se um «fado de sucesso». Mais um jogo de cartas a ponto com zaragata as mais das vezes. Lembrava o «31 de Janeiro» do Porto e bem que a Cidade Invicta merecia um apontamento honesto pelo muito que ama o «fado» sem tempo para o cantar em longos serões, mas muita generosidade e altruísmo para o viver dia-a-dia. A capital do trabalho não dá folga... e, depois, há o cavaquinho, os Zé P'reiras e a riqueza folclórica dos torrões casados com o Douro. Mas se há fado... senhores! que respeito! que efusão! que lágrima grossa de caudatária à saudade e que entendimento.

Também o «31» será, decerto, fim-do-mês, raridade de bolso forrado a papel-moeda, boémia insensata, tarefa completa, e festa por diante. - «À porta da Brasileira, dois tipos encontraram dois...» - Isto para quem quer sarilhos é mesmo um «31».

Pensei em «Os Corvos»... Mas que continuidade de boa expressão se pode dar à saudosa coluna de Leitão de Barros que abria as notícias de «A Cidade» no «Diário de Notícias» com uma crónica de génio, sem se ralar d sujar os pés - da crónica, evidentemente - na prosa seguinte, lacónica e descartável como participação em esquadra de bairro?

«Os Corvos», peça literária de colecção, seguida de um apontamento de um pendura estatelado no Campo das Cebolas, ou nos Mártires da Pátria, um conto do vigário com benzedura de jóias, um canino de estimação que vadiou, um transeunte atingido por um caixote quando se procedia à recolha na carroça camarária.

Agora o «27»...

Talvez seja a memória mais inédita e a que me desperta mais no coração.

O meu avô nasceu em 1893 e, terminados os estudos no Real Colégio Militar, à Luz, teve que tomar conta de umas largas jeiras de semeadura e olival à ilharga de Sacavém. Era a Quinta de São João das Areias, em Camarate e há séculos que vinha de pais para filhos. Desta vez a transmissão fez-se de avós pois ele ficara órfão muito novo.

O solar da quinta era constantemente invadido por grupos de amigos a provar as primícias da lavoura bem orientada e os petiscos da Senhora Maria Carqueja e seu regimento de afilhadas. E o fado e o presunto eram as únicas mordaças para as cantorias daqueles estróinas que, depois de bebidos, eram carregados pela madrugada a recolherem-se à capital. Recordo-me de meu avô me garantir de ter ficado de candeias-às-avessas com alguns por culpa do abegão que por cansaço ou incapacidade não retinha todos os recados e, por vezes, berrava do meio das calçadas apregoando o nome das distintas esposas e pedindo «o favor de descerem a escolher o respectivo consorte». Ora a vizinhança dava conta do escândalo e o casal afinava com a estultícia do servo de não fixar as caras.

E o «27»? Ah! pois, o «27» era um burro branco com malhas enormes negras que mais parecia uma bezerra asseada e servia de montada ao guitarrista Janeiro que lhe aproveitava o compasso certinho e manso para ir compondo, bem confortável sobre a larga albarda, umas variações que eram um luxo. O Janeiro, com o tempo ia ficando meio mouco e tonto e deixava ao «27» a iniciativa de escolher os carreiros. Não só o jumento conhecia os caminhos mas devia saber de «fado» a valer pois era companheiro com paciência de apóstolo para toda a cegarrega que metesse banza. Poucos haveria que soubessem tantas «estórias» como ele... - mas faltou-lhe a voz.

Pois não o acham digno de homenagem, contando em pergaminho seu, algumas memórias?

Bernardino Nunes

AMÁLIA

O HINO QUE NÃO ESQUECE

Uma sociedade sem símbolos é um ajuntamento provisório. Um homem sem amor é uma aberração da natureza. Ao contrário, temos o poder e a motivação. Do conjunto, apura-se a força, a alegria de se envelhecer com dignidade.

Esta coisa de nos resignarmos a ser europeus despojando-nos de hábitos e costumes, levantando-nos noite cerrada porque amanheceu na Áustria, aturando os ritmos que nos fazem modernos e engolindo técnicas além da nossa humilde dimensão, desespera-me. A Comunidade Europeia desfruta-nos na mediocridade das imitações e ignora-nos na nossa autenticidade. Espetamos a cabeça para a fotografia de família como o parente pobre, atento, venerador e muito obrigado que entorna sempre o copo e troca o talher do peixe. Para arrotar a «corvina» empanzinamo-nos com o discurso flatulento da nossa extensão «palopiana»... que é uma treta e corrigimos com doçura os brasileirismos que vêm para ficar como remendos da língua.

E, no canto mais obscuro do Faia, assistindo à assembleia que fundava a Associação Portuguesa dos Amigos do Fado, eu dava contas à vida sobre o magro espólio que nos ia ficando suprimidos os velhos heróis da reconquista ou ocupação à força sem recurso aos Tribunais de Haia, dos navegantes que fizeram tropelias acima e abaixo do equador, riscado o torrão conhecido pela pena das Tordesilhas, dos missionários que o senhor Marquês de Pombal dizia conspiradores, dos regicidas que ainda recebem romagem oficial, de todos os cultos de ódio que encobrem a duvidosa capacidade de nos recriarmos, enfrentarmos e merecermos, finalmente, a devolução do nosso destino.

Já nem terra de promissão necessitamos pois contamos com a Berlenga, Farilhões de boa rocha que não esfarela como as formações eventuais de duna. Basta-nos uma Causa. Uma Causa para entreter até que a caixa se encerre a cobrir estes fedores da natureza. E, então, ouvi uma proposta interessante que apontava a cantadeira, senhora Dona Amália Rodrigues como «primeira sócia honorária» desta recém-nascida tertúlia... - pareceu-me «bem», bastante justa homenagem. Um pedaço de voz que nos sobrava para nos afirmar ainda hoje. Mas houve desacertos, interpretações, observações eruditas... sendo assim, também esta e aquela, e as ofensas, a Dona Maria Teresa de Noronha, a Hermínia, a Maria Victória, o António Fagim e o Alfredo Marceneiro, vai-se a ver o álbum completo. E eu, calado, na minha ignorância destes melindres e pecados a ver se atinava com o meu lugar na forma.

Nem sequer sei porque gosto do Fado. Talvez porque «ele», para mim, é como uma mulher que se ama e acontece uma entrega apaixonada sem lhe querer saber a origem ou a razão. No Fado tenho um símbolo remanescente deste destroçar de nacionalidade, tenho um amor adulto e maduro que me torna humano e diferente ainda. Amália é uma porta-bandeira de todos os romantismos que me cativaram e orientaram mal ou bem a minha vida. Não tenho oportunidade de ter outra. Tal como no Cinema Imperial da Francisco Sanches não há senhas de saída para voltar no dia seguinte a repetir o «duplo» que já havíamos gramado na semana anterior. «Honorária» é Amália por consagração do Governo. «Sócios» somos os que voluntariamente nos confessamos apreciadores de que traz para completa divulgação os belos poemas dos poetas da nossa terra. Aceitasse «ela» ser sócia e muito me honraria tê-la por perto numa festividade qualquer...

Mas desviou-se a conversa para os «pruridos políticos»... que é a nova profissão em que todos se julgam mestres e de olho-vivo.

Contudo, sempre meto a minha colherada, que tenho a quotas em dia.

Tendo ido a um Congresso - daqueles em que se marca presença mais por amabilidade que por currículo - parti à descoberta do país onde o mesmo se realizava.

Assim embarquei no porto de Pireu para uma volta pela ilhas gregas. Aportámos a uma de muitas e o cenário era igual, tal como as atracções. Uma centena de casas, rústicas muito caiadas: um largo principal com umas tantas tascas «restaurant» e vendas de artesanato; peixe frito ou borrego assado a completar o ciclo dos rebanhos dos carneiros das ementas e as redes de pesca a cheirar a sal no fundo dos barcos ancorados.

Resolvi explorar a ilha para o interior e depois de provar as iguarias meti-me a escalar o íngreme caminho de terra batida; em quinze minutos logrei empoleirar-me na crista do outeiro a desfrutar uma vista soberba e deslumbrante.

Aproveitando os recursos naturais também alguém aí tinha montado a sua banca de comes-e-bebes com uma rudimentar esplanada. De súbito apercebi-me que a emprestar mais grandeza ao panorama, nas minhas costas a Amália cantava, saindo-lhe a bela voz da choupana do grego.

Um cortejo de forasteiros havia-me seguido, eram japoneses uns e muitas raças outros; ao todo cinco casais portugueses na excursão. Ali no fim do mundo, encarrapitadonuma falésia inóspita que era berço de gente, depois de milénios em Ciro, Dario, Xerxes e Artaxerxes faziam e desfaziam pátrias, estava eu a julgar o meu tempo e o meu espaço ouvindo a minha língua num fado que poucos entendiam e me sabia a Hino Nacional.

Lá liquidei a dívida da lágrima (que melhor troféu poderia Amália receber?) a confirmar o poema de Pessoa (*quanto do eu sal...*) e desculpei-me com a luz faiscante do Egeu para limpar os olhos.

Tudo farei para que as minhas netas chorem a sua condição pelo notável que encerra. Elevá-las-ei até onde possa e se tiver que sentar alguém à volta da fogueira para ensinar o que há de positivo, hão-de ser *«meninos portugueses»* evitando que os apodem de rascas.

Luis de Castro

AS ALPARGATAS DO IMPÉRIO

Para a disciplina de «fado» qualquer programa de ensino nacional determina duas qualidades de instrução e aprendizagem — a teórica e a prática.

Nas aulas de investigação pedagógica é elementar o conhecimento de vários escritos e estudos que constem de buscas exaustivas pelas bibliotecas poupadas aos vandalismos, aos incêndios, à traça, à inquisição e ao desleixo de nos ignorarmos.

A bibliografia recomendada tem vindo a ser tenuemente acrescentada mas os pontos de origem, os envangelhos profanos são a «História do Fado», já reeditada e ao alcance de toda a curiosidade, em que o autor, Pinto de Carvalho, que usa um anagrama pitoresco de Tinop, estampa crónicas do fim do século passado e início destes cem anos desengraçados: «A Triste Canção do Sul», saída do prelo no ano de 1904, de Alberto Pimentel; «Cancioneiro de Músicas Populares», de César das Neves e Gualdino de Campos, onde se dão à estampa «letras» de mais de meia centena de fados anteriores ao ano de 1900; «Ídolos do Fado», por A. Victor Machado, em 1937, um ano depois de surgirem em caderno as conferências de Luis Moita com a designação de «Fado — Canção dos Vencidos», assentos de Teófilo Braga sobre este assunto; «O Fado», de Augusto Cassiano Mascarenhas Barreto; «Lisboa, o Fado e os Fadistas», de Eduardo Sucena, livro recente.

E depois assomam os delatores que provocam a saudável discussão e fazem a «causa»: «O Fado e os Seus Censores», de Avelino de Sousa; «A Mitologia Fadista», de António Osório, que desferem a contestação política e lhe vão denegrindo o género; «Fado: Dança do Brasil, Cantar de Lisboa — O Fim de Um Mito», de José Ramos Tinhorão, curiosidade de 1994. Para tudo isto há resumos, sebentas, cábulas e mexericos.

Depois de escutadas umas tantas conferências de catedrática opinião e dispersa a douta assembleia, tornamo-nos solitários sábios da dúvida e socorremo-nos do «saudosismo» para citar com erudição o nome completo da Severa e a morada de uns tantos cultistas.

Porém, é nas sessões práticas que o «fado» deixa perceber a sua anatomia e, algumas vezes, em revelação súbita... a «alma».

A origem do «fado» que a tantos preocupa e a outros só intriga, é um enigma secundário que pode depender de vários enunciados.

Precisemos um postulado — «O fado que sentimos hoje e hoje acontece, nasceu hoje». E não nos martirizemos com os cilícios da dúvida, o desnorte dos invisuais.

Se na definição de «fado» incluirmos a guitarra portuguesa, alfaia de altar ou elemento de um «trindade» consagrada, então ambos — o fado e a guitarra — coincidem no momento de se revelarem ao mundo. Di-los-emos gémeos. Na Travessa da Amendoeira, nas cocheiras do Correio-Mor, no adro da Torre dos Clérigos ou num Solar de Vila Real, tanto se nos dá.

Antecedentes? A balada provençal, a xácara, a ladainha dos velórios, o queixume dos degredados, a riqueza popular das sete sílabas e cadências de adágios a antecipar-se aos clássicos alexandrinos, a vulgarizar as sentenças e a alegrar a comunicação.

A sensibilidade lusitana por raiz, a conformação no tronco que foi capaz de suportar tanta adversidade entre cativeiros e viagens sem regresso, a

natureza temperamental do nosso género de aventureiros, guerreiros e marinheiros de esperança verde como a perene caruma do pinheiro que Dom Diniz afundou no pântano, o fado como flor que não se vê mas inunda o peito de perfume, abre-se em pétalas ao gosto do nosso querer, cintila num colorido único que preserva o sentimento ímpar do Amor português.

Alguém disse que o «fado»... «E o fado aconteceu... Foi quando havia apenas o infinito ao redor da nau... o Fado nasceu da Saudade, teve por berço a caravela e recebeu baptismo nas raras lágrimas salgadas dos destemidos portugueses das descobertas...

Testemunhas foram a onda branda que marulhva e balançava em cadência o leito de tábua rija, e mais o cordame que a brisa tangia num sussurro melódico de terço rezado às vésperas...». Dizia Fernando Pessoa... «que o fado é poesia ajudada».

Pouco sobra. As jóias dos orientes, foram-se. O Brasil devora-nos a língua e assume a paternidade do nosso último filho, o «fado» dizendo-nos senis e infecundos. O mundo insiste em mover-se e obriga-nos a um doloroso movimento tão perpétuo quanto a nossa raça é imortal... Para que os pés peregrinos se não magoem quedam-se por adereço a guitarra e a viola. São as «alpargatas do Império».

E o Fado geme-lhes nas juntas quando os fantasmas da história deslizam.

Arrastado, dolente, melancólico, nostálgico, saudosista, doentio, tanto importa. Vamos dar voz a este espólio de experiências únicas e usar para cada jornada futura a companhia das «alpargatas do Império».

Posto isto, julgo ter dado uma cutilada no «Nó Górdio»... Talvez não tenha sido o suficiente para consumar a empresa, mas ultrapassemos os mistérios, que deixamos para os estudos de Vilar de Perdizes, e empenhemo-nos a dignificar o FADO que de agora em diante fica definitivamente «nacionalizado, nosso» e apliquemo-nos o mais possível nas aulas práticas, ouvindo o fado, escrevendo poemas para o nosso consolo.

ESTÓRIAS PARA A HISTÓRIA

1.
A Jóia do Carlos Velez

Maria Amélia Proença

No ano da graça de 49 ainda a «pena de prisão perpétua da TV» não tinha sido promulgada. Vivia-se um encantamento de que não dávamos conta. Faziam-se visitas ao serão, havia jogos familiares de entretém, transmitiam-se cultos com naturalidade, ia-se ao teatro e, imaginem... faziam-se «cegadas» nos clubes de bairro sempre ao despique com as freguesias vizinhas. Nessa época ensaiou-se a rigor e levou-se à boca de cena num modesto salão, a Sociedade Sol-e-Dó, uma função que os autores intitularam «Do Natal ao Entrudo». Todas as noites se encharcavam lenços na tragédia de faca-e-alguidar e fungava-se tão crepitosamente que o «ponto» se via e desejava para seguir a rigor todo o emocionante libreto.

Ora eu desempenhava com todo o convencimento o papel de uma criancinha doente e frágil que viria a falecer nos braços extremosos do Pai, figura interpretada a rigor pelo Carlos Velez.

Numa das representações, em surdina e por entre dentes, o Carlos Velez segredou-me que «o meu corpito o estava a magoar pois comprimia-lhe o fecho da pulseira chibante contra a carne tenrinha do pulso... de tal forma lhe era insuportável que ameaçava deixar cair sem termos a moribunda...».

Receosa do pior, reagi instantaneamente, dei um grito e ressuscitei saltando para o soalho bem seguro. O inédito desfecho provocou hilaridade geral, algum transtorno ao elenco mas a chegada antecipada do tal «entrudo» que se anunciou nessa gostosa gargalhada.

Quem deixou de usar o luxo da pulseira foi o Carlos Velez que pôs a jóia a bom recato e não mais a exibiu nem nessa «cegada» nem em nenhuma outra em que ambos participámos.

2.
«Os Bons Rapazinhos...»

António Rocha

Rompia a madrugada de uma manhã de cariz indeciso, cansada de Inverno mas teimosa em tomar galas de Primavera. Rumávamos, como era tradição ainda em 56, ao Café Beira-Gare onde os«fadistas» se amesendavam em confraternização a contabilizar os troféus da noite, a fazer a crónica da romaria às «capelinhas», regougar das suas tricas e brios e, sobretudo, adiantar um pequeno almoço de bife que era a especialidade da casa. Calhou ir junto com o Paquito, o mais português dos espanhóis que conheço. Francisco Peres de baptismo em terras de Galiza, mestre na viola e companheiro durante muitos anos de Jaime Santos.

Saltando do crepúsculo para a luz plena do recinto, deparei com o Alfredo Marceneiro a quem nunca fora apresentado. Confidenciei esse meu desejo de conhecer o «divino» ao Paquito e ele, usando a sua natural elegância e gentileza, logo se prestou a favorecer-me. Acercou-se e cumprindo as pragmáticas sociais apresentou-me como cantador de fado com futuro.

Sem qualquer exuberância, para não acrescentar que «impávido», o mestre disse, após os cumprimentos, que «já me tinha ouvido no Retiro Andaluz e que por sinal tinha gostado e eu não cantava nada mal...».

O Paquito receou o meu desconsolo perante opinião tão evasiva e entendeu que a sua opinião poderia valer por «recomendação» sem se atrever a abordar o meu estilar ou timbre característico. «Sabe que o António além de cantar afinado é igualmente um bom rapazinho...».

Marceneiro piscou os olhos impaciente com o atributo que me era louvado e, pegando no copo onde bebera o café, comentou mordazmente:

— «Pois é. Estamos na época dos bons rapazinhos... Aparece cá um gajo que faz este copo bem feito, mas como é mau, é feio, correm com ele... Aparece outro que faz esta merda toda torta, mas como é bom rapazinho...!».

E assim fiquei a saber que o Tio Alfredo — como mais tarde lhe viriam a chamar — cozia as opiniões em lume brando e não gostava que lhe acrescentassem garavetos à boca do forno. «Ser bom rapazinho», no seu entendimento, até poderia ser um defeito.

Talvez tivesse razão. Por isso me esforcei por estar no fado à sua maneira sendo, na interpretação, o fiel do poeta. Escolho é os poemas.

3.
«À Vontade do Amâncio...»

Rui Forjaz

A Câmara Municipal de Lisboa adquiriu há muitos anos para expor no seu Museu da Cidade um célebre quadro do pintor José Malhoa que, por todo o seu realismo cru, cromática perfeita, elementos de composição, mensagem transbordante,

➧➧➧➧➧

Vitor Duarte

FADO CUF

Alfredo Marceneiro faleceu pelas 7 da manhã do dia 26 de Junho de 1982, contava 91 anos.

O seu corpo esteve em câmara ardente, na Igreja de Santa Isabel, sendo aposto na urna a Bandeira Nacional e a Bandeira da Cidade de Lisboa, por iniciativa do então presidente da edilidade engº Kruz Abecassis, e ainda uma guarda de honra permanente pelos Soldados da Paz do Batalhão de Sapadores Bombeiros de Lisboa.

O Padre designado para fazer as exéquias do funeral de Alfredo Marceneiro, não conhecia a sua obra, mas impressionado com os milhares de pessoas presentes no velório, quis documentar-se sobre a sua figura, levou a noite a escutar o José Pracana, que tão eloquentemente lhe falou do seu querido amigo «Ti Alfredo», que no dia do funeral o Padre ao dizer a Missa de Corpo Presente, ele próprio com as lágrimas nos olhos, enalteceu a sua imagem de Lisboeta e amante da sua freguesia, e a todos surpreendeu quando recitou os versos que Marceneiro tantas vezes cantou:

Que Deus me dê a graça, a alegria
Na vida tão cheiinha de desgosto
A vir morrer na minha freguesia
Como um soldado morre no seu posto

Até na morte Alfredo Marceneiro era o Fado. Cumpriu-se o desejo que explicitava nos versos escritos pelo Poeta Armando Neves.

É de realçar que não havendo espaço no talhão dos artistas no Cemitério dos Prazeres, a Câmara Municipal de Lisboa disponibilizou um gavetão perpétuo, para repouso dos seus restos mortais.

Milhares de pessoas acompanharam o cortejo fúnebre que se efectuou a pé, numa sentida manifestação de pesar até ao Cemitério dos Prazeres, dezenas de Guitarristas com os seus instrumentos executaram durante todo o percurso a sua Marcha em tom dolente e magoado, que mais parecia um choro de guitarras, mas havia uma que entre todas se destacava era a de José Pracana, a lágrimas que lhe corriam no rosto caiam no tampo da sua guitarra como que dando «Alma» ao instrumento.

♦♦♦

humaníssima expressão e tema vernáculo, vale ao artista uma consagração perpétua. Sobretudo se o admirador é «alfacinha» e vibra com as matizes incomensuráveis do fado em todo o seu esplendor «derrotista»... - diria o senhor Luis Moita. Ora, para lá do fundo riquíssimo da tela onde todo o instrumental doméstico tem lugar, existem os dramas da postura e as razões da composição. Conta António Montez num escrito de «A Voz de Portugal» que o primoroso artista das Caldas da Rainhase apaixonou pelos passeios à Mouraria e se aventurava para lá do Arco do Marquês do Alegrete numa ousadia que em tempos saiu cara a muito almocreve. Aí conheceu um fadista que dava por alcunha de «Pintor» de cuja obra nada se sabe, mas dada a confraria, Malhoa, a partir de então apontado como o «Pintor Fino» para evitar confusões, foi apresentado à ralé dos nocturnos e acabou por se interessar em imprimir em dimensão adequada uma cena que o impressionava, «O FADO».

O rufião Amâncio - que era dextro de mãos tanto a guitarrear como a manejar uma navalha - acertou-se para «modelo» e, por arrastamento, lá vem a companheira, a «Adelaide da Facada» que apresentava esse «senão» num sulco cicatrizado que exibia no lado esquerdo do rosto bonito. Mal empregado! Por instruções de José Malhoa lá se acomodaram com o equilíbrio que o artista determinava excelentemente mas as «poses» sustinham-se a custo pois o Amâncio era um ciumento dos diabos e, mal o artista arrumava os pincéis, zurzia a pobre e acusava-a de se «entregar» mais que lhe era exigido. Os seis vinténs de prémio iam para amica e algumas vezes era necessário ir levantar os modelos ao Governo Civil.

... E porque a prosa de António Montez relata rigorosamente as andanças deste precioso trabalho, passo a citá-lo na íntegra: «O Fado é uma alegoria pungente; um par amoroso numa atitude aviltante, num interior de lupanar onde não falta o olhar comiserado duma estampa do Senhor dos Passos, com a túnica roxa e a Cruz às costas»...(...)... A certa altura, Malhoa fez descer a alça da camisa da infeliz. O Amâncio, cada vez mais ciumento, não gostou da graça, azedou-se, e de mão no bolso, o ar ameaçador, disse ao Mestre que não era para brincadeiras.Não sabemos o que se passou, mas a verdade é que ao contrário do estudo do Dr. Alberto Rego, a alça subiu para o seu lugar, da mesma forma que a saia branca gomada foi substituída pelo saiote de baeta vermelha.

Findo o quadro, onde não faltam o leque, o mangerico, as bandarilhas e até o espelho partido com uma chinelada da Adelaide, Mestre Malhoa convidou os moradores da Rua do Capelão para irem ver o quadro à Avenida 5 de Outubro. Foi um verdadeiro cortejo de rameiras e fadistas, que Malhoa recebeu com alegria e satisfação. Nessa altura, o Amâncio lembrou o Mestre o quadro que lhe prometera, e passados poucos dias, Malhoa pintava o Amâncio, encostado a uma parede caiada, na qual estava impressa a mão ensanguentada do rufia.

Era um presente do pintor, que assim manifestara desejo de reconciliação com o modelo. O retrato foi visto por entendidos e de tal forma apreciado, que logo apareceram compradores. Demorou a entrega e o Mestre, quando Amâncio lhe pedia informações do trabalho, dizia sempre que lhe faltavam retoques...

Um dia, o Amâncio desconfiou e com receio de perder a oportunidade de ganhar algum dinheiro com a venda do quadro, intimou o Mestre a entregar-lhe o retrato, ameaçando-o se tal não fizesse.

E o que é certo é que, no mesmo dia, o retrato de Amâncio foi solenemente colocado na alcova da Rua do Capelão para, dois dias depois, ser vendido por bom preço...

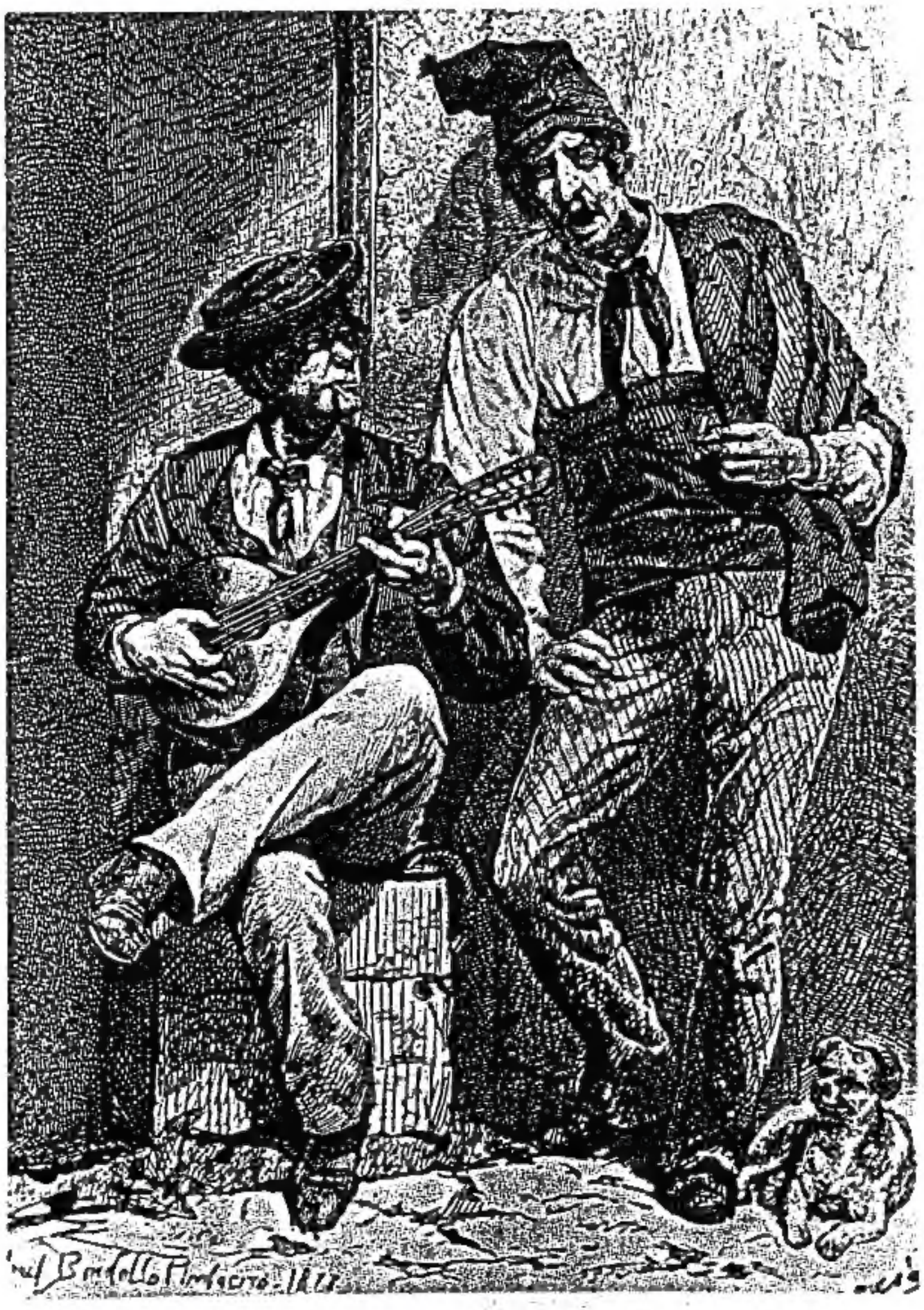
Caprichos do Fado!

8

O FATUM DA GUITARRA PORTUGUESA

José Lúcio Ribeiro de Almeida

musicólogo



Chamava-se D. Antónia Magdalena ilustre Senhora de Tavarede e foi a digna dama do século XVIII a quem o Mestre de Capela do Porto, António da Silva Leite, dedicou um Método onde se expunha o meio mais fácil para tocar o grande instrumento do ambiente nobre português.

Da colecção de músicas a aprender, na primeira parte do método existiam minuetes, marchas, allegros, contra-danças e outras peças de danças de salão. Este Método que custava 1200 réis foi posto à venda em Lisboa no dia 15 de Março de 1796. Esta data simboliza a nacionalização de um instrumento inglês chamado «sistre» a quem Silva Leite chamou Guitarra Portuguesa.

Era um instrumento cortesão e não tocava Fado. A Guitarra de Silva Leite tinha 10 cordas; afinava das cordas finas para as mais grossas em Sol, Mi, Dó, Sol, Mi, Dó.

As quatro primeiras ordens eram de cordas dobradas e as duas últimas bordões singelos. Utilizava um sistema de afinação por chave de relógio e só tinha 12 trastos.

Foi longo o percursoda Guitarra de Silva Leite até aos nossos dias. Chamo-lhe o «Fado da Guitarra». Proponho que a Associação Portuguesa dos Amigos do Fado lhe preste uma significativa homenagem uma vez que dentro de um ano a nossa Guitarra Portuguesa faz 200 anos.

ROTA DO FADO DE LISBOA

alfama

Parreirinha d'Alfama
Taverna do Embuçado
Club de Fado João da Praça
Taverna D'El Rei

bairro alto

Adega Machado
Adega Mesquita
Arcadas do Faia
Luso
Severa
Lisboa À Noite
Forcado
Nônô
Viela
Canto do Camões

lapa

Senhor Vinho
S. Caetano

alcântara

Timpanas

ajuda

Solar do Fado

SUPLEMENTO

Após escassos quatro meses de existência já foi possível desenvolver algumas actividades. Assim, com a participação de alguns sócios fundadores, estivemos presente na Rádio Renascença, Rádio Voz de Lisboa, Rádio Comercial, para além de várias Rádios Locais.

A 9 de Novembro de 1994, e a convite da Associação dos Antigos Alunos do Liceu Camões, a propósito da comemoração do 85º aniversário daquela instituição de ensino, efectuada no restaurante Timpanas, a APAF deu a sua colaboração com a actuação de alguns artistas nossos associados.

A 11 de Janeiro, o dr Lopes Vítor, poeta e presidente da nossa Assembleia Geral, foi convidado pela Academia da Guitarra Portuguesa e do Fado para apresentação de uma palestra, subordinada ao tema Como Nasce Uma Cantiga, que foi ilustrado musicalmente pela guitarra e a voz de Jorge Silva e a viola de Luis Duarte. Dentro do protocolo de colaboração com a Academia, a nossa Associação fez-se representar por um grupo de sócios que integrava alguns artistas que encerraram o convívio com a sua actuação.

Dia 28, no Clube Artes 50, durante um jantar de convívio, o dr Luis de Castro fez uma pequena palestra sobre a Origem da Guitarra Portuguesa, e as principais diferenças entre as guitarras do Porto, de Coimbra e de Lisboa, dando alguns tópicos sobre as origens do fado a fechar a actuação de alguns dos nossos associados.

Por último e não menos importante, impunha-se uma palavra a propósito da apresentação deste número zero. Uma publicação que se deseja periódica, passível de ajustamentos, que passaria a contar com a colaboraboração dos amigos do fado e empresários, sem os quais este projecto não será viável. Embora em execução artesanal, contamos com a vossa perspicácia para que a ideia do produto final não seja desvirtuado...

AGRADECIMENTOS

a Arlete Pereira, Fernando de Almeida, Lenita Gentil, António Ramos, Rui Forjaz, dr Bernardino Nunes, José Lúcio, Vítor Costa e Francisco de Almeida, assim como toda a Comunicação Social, que muito tem ajudado na divulgação da nossa Associação

publicação APAF com a coordenação de francisco de almeida, luis de castro e rui forjaz